

1. Introdução: pela contramão se chega ao longe

*El uso total de la palabra para todos, no para que todos sean artista sino para que no sean esclavo.*¹

Gianni Rodari

Esta pesquisa nasce da inquietação que me acometeu há algum tempo ao ingressar na universidade: como e por que motivo alguns universitários apresentavam grandes problemas de interpretação textual e de que modo a falta ou o precário hábito de leitura prejudicavam em seus desempenhos acadêmicos e como isso poderia ser resolvido dentro da própria Universidade e, mais adiante, por que não resolver antes do ingresso na instituição.

Logo, esta tese se propõe também a investigar a formação de leitores/escritores na Universidade e em ambiente de ensino que seguem o modelo dos Cursos de Pré-Vestibular Comunitário (CPVC) e tem como objetivo apresentar os resultados das experiências em quatro diferentes grupos de atividades leitoras. Tais experiências foram realizadas tanto em cursos propriamente ditos comunitários, como nos que são oferecidos por escola atendendo aos princípios atuais de filantropia. Além disso, um dos grupos experenciados, objetivava a formação do leitor/escritor/navegador, pois reunia um conjunto de leituras e práticas de escrita que tinha de um lado, como suportes o livro, o papel e a caneta e, de outro lado, o computador com a sua tela, seu teclado, seus programas e as infinitas possibilidades de escrita e leitura em simultaneidade.

Ainda é importante dizer, a partir da motivação e dos ambientes onde se deram as experiências leitoras, que a pesquisa traz em seu bojo alguns temas transversais, tais como política de leitura, filantropia, ação afirmativa, política de discriminação positiva, inclusão e exclusão social e também cultural.

A pesquisa será atravessada por minhas memórias pessoais, expostas no capítulo dois, mais especificamente, – que vão e voltam no tempo e buscam ligar presente e passado, sem que o

¹ RODARI, G. *Gramática da fantasia*, 2000. “O uso total da palavra para todos, não para que sejam artistas, senão para que não sejam escravos.” Tradução de minha autoria deste e demais textos em espanhol utilizados neste capítulo

passado nunca deixe de ser e de estar presente, já que pode dizer que foi um dos motivadores do desenvolvimento do tema.

Como poderá ser conferido, no capítulo três serão descritas as experiências de formação de leitor: na Pastoral Universitária, com universitários oriundos de curso preparatório comunitário – neste caso, serão destacadas a convivência e a prática decorridas daí, em ambiente universitário, que implicaram a formação dos círculos de leitura; no curso de pré-vestibular comunitário Madre Paulina; com alunos da disciplina Competência Leitora, em um curso formado nos moldes dos cursos comunitários, no entanto, oferecido por uma escola de classe média alta, localizado em um bairro da zona sul carioca, como parte de sua pressuposta proposta filantrópica; e, por fim, no curso de Formação de Leitor/Escritor e Inclusão Digital voltado para a formação também de pré-universitários, cuja proposta era não somente formar leitores/escritores “convencionais”, como também oferecer o instrumental do uso mais amplo das ferramentas cibernéticas e, conseqüentemente, a troca de saberes e informações mais imediatas.

Especificamente no caso dos universitários, procura-se saber quais são a contribuição e o papel da Universidade no processo de formação do leitor e da descoberta do indivíduo como sujeito autônomo na formulação de seus pensamentos e reflexões. Suscitam-se várias questões, tais como: como jovens de classes populares, ao chegarem à universidade, ressignificam seus conhecimentos prévios e como os aplicam no cotidiano acadêmico; como articulam os saberes e as falas que trazem de ambientes tão distintos com outras práticas e usos empregados pelos alunos oriundos da classe média e classe alta; como superam e enfrentam suas carências em sala de aula, nos relacionamentos com os outros; como se dá a busca da alteridade e a construção de (novas) subjetividades; como se dá a conquista dos espaços e como são compartilhados; pode existir homogeneidade no *campus* universitário; de que forma é interpretada e abarcada a polifonia que vigora na Univers(o)idade?

Para os alunos dos cursos preparatórios, os círculos de leitura representam neste contexto mais que uma simples disciplina (Competência Leitora para uns, Leitura para outros). É aí que a maior parte dos alunos aprende a interpretar textos das mais variadas naturezas, a começar pelo texto literário, que oferece múltiplas possibilidades de exercer o imaginário, a linguagem, a organização do pensamento e a expressão oral.

Sabemos que tanto a leitura quanto a escrita são construtos sociais, ou seja, ler e escrever não são práticas naturais como a fala: o homem aprende a falar no convívio com outros falantes e já nasce com o aparelho fonador dotado para esta função, também adquire outras práticas tidas como naturais a partir desta convivência (servir a comida em prato, comer de garfo e faca, beber

em copos distintos, sentar à mesa nas refeições, usar roupas), porém, para ler e escrever é preciso que se dedique tempo, tenha um espaço (geralmente, a escola), siga uma série de normativas que possibilitem que seja considerada uma pessoa alfabetizada, com domínios básicos de escrita e leitura, não necessariamente de interpretação e articulação do material lido. No entanto, este saber e este domínio também são marcas sociais: quem lê, o que lê, quando lê, por que lê, onde lê e para que lê. As respostas a estas indagações marcam o sujeito como pertencente a uma classe ou outra, ou a um nível social bastante demarcado.

É o que aponta Jailson de Souza e Silva em seu conhecido trabalho sobre o ingresso de jovens da Maré na universidade, *Por que uns e outros não?*

Para este educador (cuja família oriunda do nordeste brasileiro migra para o Rio de Janeiro na década de 60, e se instala no que hoje é um dos maiores complexos de favelas da zona norte da cidade, a Maré), à busca de revelar a pretensa essência do aparato escolar, ignorou-se seu aspecto fenomênico, considerado mistificador. Na verdade, definiu-se o caráter essencial da escola, que era uma de suas facetas. E ela é, com efeito, pródiga em facetas – todas, provavelmente, com bases efetivas para serem estabelecidas. Dentre elas, o reconhecimento de que, mesmo reprodutora, a escola contribui para um determinado nível de reclassificação social, que seria, talvez, muito mais difícil de conseguir sem ela. E nessa contraditoriedade objetiva ela manifesta seu caráter estruturante/estruturado e, aí sim, sua relativa autonomia.

A curta permanência na escola de um conjunto expressivo de alunos de origem popular é um dos principais problemas educacionais brasileiros. No tratamento da questão, entretanto, não se pode desconsiderar os que permanecem. Embora poucos proporcionalmente, eles agregam um contingente expressivo em termos absolutos. No que diz respeito ao papel desempenhado pela dinâmica social, sua expressividade cresce. O fato ocorre em virtude da contradição de suas posições nos diferentes campos em que atuam, seja ele o profissional, o familiar, o grupo social de vizinhança....²

Neste momento, também vale a pena lembrar Paulo Freire que toma a prática da leitura como algo vinculado a outras práticas em determinados contextos. É daí criado o neologismo por este importante educador a respeito da leitura de mundo, a qual antecede à leitura de textos escritos: “palavramundo”.

Sobre esta condição de estar no mundo motivada pela leitura, tal qual Freire, Eliana Yunes também escreve a respeito, e em outras palavras diz:

² SOUZA, J. S. e. *Por que uns e outros não?*, 2003, pp. 158-159.

Ler é um ato homólogo ao de pensar, só que com uma exigência de maior complexidade, de forma crítica e desautomatizada. Quem não sabe pensar mal fala, nada escreve e pouco lê. Não seria, pois, o caso de inverter o processo e investigar como a formação do leitor pode fazer passar da mera alfabetização à condição efetiva de ‘pensador’?³

Ler é um ato social e coletivo: é o acúmulo das experiências e vivências que o leitor atravessou por toda a vida, independentemente do cenário que ocupou ou que se fez ocupar. A leitura é e se constitui como constante aprendizagem. Como experiência estética, a leitura dá vida aos personagens que povoam os textos literários: sem a leitura seria impossível a Dom Quixote viver sua loucura e aventuras, do mesmo modo que Flaubert nunca teria ido a julgamento devido ao comportamento de Madame Bovary, ou seja, ler é a conjunção de vários aspectos e elementos: “é o *real da leitura*, o real do leitor e de seu mundo”⁴ intervindo no mundo, platonicamente, sensível.

Nas primeiras páginas de sua importante obra publicada pela primeira vez em 1938, Louise M. Rosenblatt pergunta ao leitor: “*Es obvio que la aproximación analítica no necesita defensa, pero ¿no pueden también los materiales literarios contribuir poderosamente a las imágenes que tiene el estudiante acerca del mundo, de sí mismo y de la condición humana?*”⁵, ou seja, mais que a imagem messiânica da leitura, o que procuro com esta pesquisa é mostrar que a leitura está ligada à condição humana, a condição de ser humano integralmente. Espero que a partir desta leitura/escrita/interpretação de questionamentos, outras perguntas possam surgir e desencadear outras respostas, talvez, mais abrangentes do que as que o leitor encontrará nas linhas e entrelinhas desta pesquisa.

³ YUNES, E. *Pensar a leitura: complexidade*, 2002, p. 16.

⁴ LEENHARTD, J. *A literatura: uma entrada na história*, 2006, p.21.

⁵ ROSENBLATT, L. M. *La literatura como exploración*, 2002, p. 34. “É óbvio que a aproximação analítica não necessita de defesa, mas não podem também os materiais literários contribuir poderosamente com as imagens que o estudante tem sobre o mundo, de si mesmo e da condição humana?”